

FREDDY SILVA

PORTUGAL:  
A PRIMEIRA  
NAÇÃO  
TEMPLÁRIA

Tradução  
Carla Ribeiro

alma  
dos livros

info@almadoslivros.pt  
www.almadoslivros.pt  
facebook.com/almadoslivrospt  
instagram.com/almadoslivrospt.pt

Publicado pela primeira vez nos EUA por Inner Traditions International,  
Rochester, Vermont. Edição portuguesa publicada por acordo com Inner Traditions  
International, Rochester, Vermont. Copyright © 2017 por Freddy Silva.

© 2018

Direitos desta edição reservados  
para Alma dos Livros

Título: *Portugal: A Primeira Nação Templária*

Título original: *First Templar Nation*

Autor: Freddy Silva

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Miguel Antunes

Adaptação de capa original: Duarte Lázaro / Alma dos Livros

Separadores de texto no interior: Desenhados por Freepik

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8907-00-4

Depósito legal: 436 836/18

1.<sup>a</sup> edição: março de 2018

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada  
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão  
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções  
devidamente previstas na lei.

*Para a minha deusa*



## NOTA DO AUTOR

Para este livro, precisei de mais de uma década de pesquisa, altura em que me sentia como se pudesse sentir as pessoas e os acontecimentos envolvidos. O que está muito bem, porque, embora haja bastantes bons livros sobre história, muitos deles são impessoais, faltando-lhes um toque humano. Escrevi, portanto, esta obra num estilo próximo do de um romance para tornar a experiência de leitura mais agradável para si. No entanto, todas as pessoas, acontecimentos e factos retratados são reais, como a copiosa bibliografia atestará.

Se não está familiarizado com a geografia da Europa, não se preocupe; incluí numerosos mapas para o ajudar a localizar-se.

Só alguns pontos a ter em mente: nesta época, a Europa é uma cornucópia de ducados, condados e reinos. Não há Espanha, não há Itália, e França ainda está fragmentada e feita sobretudo de províncias e de ducados autónomos, incluindo o reino dos francos; a Alemanha faz parte do Sacro Império Romano. E, no lugar do Portugal dos dias de hoje, está o condado de Portucale, que recebeu o nome da sua cidade principal, o Porto. Por isso, quando me refiro a França ou aos franceses ou aos espanhóis, uso os termos como generalizações e para evitar longas explicações.

Muitas vezes, as províncias juravam fidelidade a um rei ou duque vizinho. Assim, um *suserano* era um soberano ou Estado que controlava outro Estado que era internamente autónomo. Um *vassalo* era uma pessoa ou país subordinado a outro. Um *feudo* era terra detida sob a esfera de controlo de um nobre ou uma pessoa sob esse controlo.

Os nomes das pessoas eram muitas vezes escritos de diferentes formas e em diferentes línguas. Tentei manter a maioria dos nomes como teriam aparecido no século XII, exceto quando causam confusão no texto.

Quanto aos cavaleiros templários, os termos procurador, comandante, precetor, mestre e irmão eram regularmente usados para referir os membros da ordem na Europa. Todos estavam subordinados ao grão-mestre, Hugo de Payens.

## ÍNDICE

1 – 1125. Uma mesa de carvalho num grande salão de um pequeno condado chamado Portugale .....	17
2 – 1095. Novembro. Em Auvergne, uma região montanhosa no Centro de França.....	19
3 – 1096. Agosto. Constantinopla, capital do Sacro Império Romano .....	27
4 – 1096. Agosto. Com o exército do Norte, preparando-se para partir .....	29
5 – 1098. Na estrada deserta perto de Antioquia .....	34
6 – 140 a. C. Numa terra do Oeste da Ibéria chamada Lusitânia .....	36
7 – 1099. Junho. Fora dos portões de Jerusalém.....	43
8 – Trinta anos antes. Orval. Uma vila a jusante de Bulhão .....	47
9 – 1114. Braga. Uma cidade muito antiga em Portugale.....	55
10 – 1100. Jerusalém. No palácio do novo rei.....	65
11 – 1100. Braga. Ouvindo vozes estrangeiras .....	67
12 – 1117. Belém. Numa cerimónia.....	71
13 – 1117. Guimarães. Na corte da condessa Tareja .....	78
14 – 1126. Claraval. Uma muito, muito, muito modesta abadia em Champanhe.....	85
15 – Sete anos antes. Claraval. Um momento especial a 24 de junho .....	97
16 – 1125. Fim do outono. Porto. Desembarcando após uma longa viagem marítima.....	99
17 – 1127. Outono. A bordo de uma galé no Mediterrâneo.....	106
18 – 1128. Abril. Braga. Um gabinete onde se assinam muitos documentos.....	108

19 – 1128. Janeiro. Uma grande reunião em Troyes, uma cidade em Champanhe.....	112
20 – 1128. De volta a Claraval. Após a conclusão do conclave .	118
21 – 1128. Abril. Uma câmara na residência real de Guimarães.....	124
22 – 1128. Entretanto em Champanhe .....	126
23 – 1128. 24 de junho. Um campo de batalha às portas de Guimarães.....	129
24 – 1129. Março. Afonso revela-se .....	132
25 – 1139. Ourique. Preparando-se para combater os mouros .	134
26 – 1139. Claraval. Manhã cedo, fora da capela .....	138
<i>INTERMEZZO</i> .....	142
27 – 1867. Jafa. Um comboio de mulas dirigindo-se a Jerusalém .....	145
28 – 1146. Coimbra. Em casa com Afonso e a sua nova noiva .	149
29 – 1147. Braga. O misterioso prior Arnaldo no seu novo lar .....	156
30 – 1119. Monte do Templo. Um túnel a vinte e cinco metros de profundidade.....	159
31 – 1147. Braga. Gualdim Pais também se muda para a sua nova residência .....	161
32 – 1121. Saint-Omer. Em casa de um criptógrafo chamado Lamberto.....	171
33 – 1947. Qumran. Dois pastores de cabras numa gruta junto ao Mar Morto.....	173
34 – 1159. Ceras. Uma pilha de destroços junto a uma cidade em ruínas .....	183
35 – 68 d. C. Monte Sião. Homens de branco escondendo pergaminhos e outras coisas importantes.....	192

36 – 1159. Coimbra. A escrivaninha do rei de Portugal, parte I .....	199
37 – 1159. Coimbra. A escrivaninha do rei de Portugal, parte II .....	200
38 – 1159. Coimbra. A escrivaninha do rei de Portugal, parte III.....	204
39 – 1160. 1 de março. Uma cerimónia ao amanhecer no promontório sobre Thamar .....	220
40 – Tempo presente. Abril. Dentro da rotunda de Tomar .....	224
41 – 1865. Vaticano. O papa Pio IX fica exaltado.....	231
42 – Tempo presente. Abril. Junto à rotunda, entre os segredos da colmeia .....	237
43 – Tempo presente. Abril. Meditando à entrada da colmeia .	251
44 – 1165. Monsanto. Comportamento peculiar numa colina invulgar .....	256
45 – Tempo presente. Monsanto. E outros locais para meditar.	261
46 – 1147. Sintra. Algo engraçado acontece a caminho do castelo .....	271
47 – Tempo presente. Sintra. Na Floresta dos Anjos.....	274
48 – Tempo presente. Abril. À sombra de uma estátua em Tomar.....	288
49 – 1153. Mexericos nos becos de Jerusalém .....	292
50 – 1312. Sul de Portugal. Os templários desfrutam de umas férias de seis anos.....	295
51 – Tempo presente. Axum. Um dia de festa em que os <i>tabotat</i> são vistos à luz do dia .....	302
52 – Tempo presente. Tomar. Olhando para a rotunda .....	305
53 – Tempo presente. Uma sala circular num pequeno país chamado Portugal .....	307

EPÍLOGO – Lusitânia. Onde o conhecimento é armazenado, guardado por uma deusa cujo símbolo é um triângulo.....	309
Notas .....	323
Bibliografia .....	346
Créditos de imagem.....	359



## Capítulo 1

### 1125. UMA MESA DE CARVALHO NUM GRANDE SALÃO DE UM PEQUENO CONDADO CHAMADO PORTUGALE...

**O** pergaminho de velino envelhecido é uma doação de uma pequena vila perto da cidade de Braga.

Diz: «Eu, Rainha D. Tereja, dou a Deus e aos Cavaleiros do Templo de Salomão a aldeia chamada Fonte Arcada... com todos os seus direitos e benefícios, pelo bem da minha alma.»<sup>1</sup>

A generosa doação inclui nada menos do que dezassete concessões de terra adicionais por parte de famílias locais.<sup>2</sup> Meticulosamente escrita a pena e tinta, está assinada: «Eu, Guilherme, procurador do Templo neste território, recebo este documento.»

O signatário contém a chave de um mistério. Como procurador do Templo, Guilherme Ricardo está investido do poder e da autoridade para conduzir transações em nome do grão-mestre dos cavaleiros templários em Jerusalém, Hugo de Payens. Mas é muito mais do que isso. O seu nome surge numa segunda concessão – desta vez como *Magister Donus Ricardus* – de metade da propriedade de Villa-nova, doada por Affonso Annes «a Deus, e à irmandade dos cavaleiros templários».<sup>3</sup>

Este Guilherme Ricardo é também o primeiro mestre dos cavaleiros templários num pequeno condado chamado Portugale.<sup>4</sup>

Estes acontecimentos são extraordinários porque o ano é 1125 e não se conhecem membros dos cavaleiros templários fora de Jerusalém, muito menos numa região do lado oposto da Europa. Mais estranho ainda, em 1111, sete anos antes de a irmandade templária surgir, foi atribuída aos cavaleiros uma propriedade estratégica no mesmo território.

Três coisas estão certas.

**Um:** os cavaleiros templários juraram fidelidade não ao papa, mas a um monge influente no condado francês de Champanhe.

**Dois:** num documento dirigido aos templários, um jovem destinado a ser rei de uma terra que será conhecida como Portugal revela que «na vossa irmandade e em todas as vossas obras sou um irmão».

**Três:** durante um interrogatório da Santa Inquisição, um cavaleiro templário fez uma afirmação críptica: «Existe na ordem uma lei tão extraordinária da qual se deve guardar tal segredo que qualquer cavaleiro preferiria que lhe cortassem a cabeça do que revelá-la a alguém.»

E praticamente todos os templários capturados provaram isto ao serem queimados vivos.

O que se segue é a verdadeira e inaudita história por trás da primeira nação templária.

## *Capítulo 2*

### 1095. NOVEMBRO. EM AUVERGNE, UMA REGIÃO MONTANHOSA NO CENTRO DE FRANÇA...

**A** crescente assembleia de abades, bispos, arcebispos, príncipes, nobres, senhores e leigos reuniu-se no interior do grande salão da igreja em Clermont e aguardou a chegada do papa. Quando avistaram a sua cabeça tonsurada a descer a nave, era óbvio que Urbano II estava menos do que satisfeito. O longo ano de viagem levara o pontífice a várias regiões de França e do Mediterrâneo, depois ao Norte de Itália, onde um conclave eclesiástico, em Placência, testou a sua paciência, e os resultados estavam longe do que esperava. Além disso, Placência, na primavera, fora muito mais climaticamente gratificante do que o amargo frio de novembro de Clermont, neste ano do Senhor de 1095.

Urbano II levantou-se do lugar e dirigiu-se ao conselho, começando com o seu relato sobre a situação da Igreja no Próximo Oriente. Além do problema de os turcos seljúcidas terem dominado a Ásia Menor e tomado o controlo de grande parte do Levante – incluindo Jerusalém –, este povo problemático também cortara o acesso aos locais sagrados cristãos, contrariamente aos seus mais tolerantes predecessores árabes.

E ainda não acabara. Urbano também tinha um problema com os cristãos. Vira clérigos traficarem propriedade da Igreja, nobres e monarcas, em casa e no estrangeiro, que, espojando-se no luxo, violavam constantemente as leis da Igreja em paz, provocando lutas com árabes apenas pelos ganhos materiais. E, quanto aos seus cavaleiros, bem, portavam-se mais como mercenários.

Depois da sua tirada – justificada, segundo alguns –, Urbano instigou zelo suficiente entre a multidão reunida para dar início a uma cruzada e recuperar os locais sagrados cristãos dos infiéis e assim canalizar toda aquela energia destrutiva para algo por que valesse a pena lutar: «Eu, ou antes, o Senhor roga-vos, como arautos de Cristo, que divulgueis isto em toda a parte e que busqueis que todas as pessoas, sejam de que classe forem, soldados rasos e cavaleiros, pobres e ricos, levem rapidamente auxílio a esses cristãos e que destruam essa raça vil das terras dos nossos amigos. Digo isto aos que estão presentes, destina-se também aos que estão ausentes. Além do mais, Cristo o ordena.»<sup>1</sup>



Tendo-se entusiasmado, o papa saiu da igreja, subiu a uma plataforma de madeira e começou a dirigir-se a um ajuntamento ainda maior, cujos números haviam forçado a área de encontro disponível do Champet e os serviços que a vila era capaz de fornecer: «Esta terra que habitais, cercada de todos os lados pelos mares e rodeada pelos picos das montanhas, é demasiado estreita para a vossa vasta população; tão-pouco abunda em riquezas; e mal fornece comida suficiente para os seus cultores. Por isso é que vos matais uns aos outros, que fazeis guerra, e que frequentemente pereceis por ferimentos mútuos. Deixai então que o ódio parta de entre vós, deixai que acabem as vossas disputas, deixai cessar as guerras e deixai dormir todas as dissensões e controvérsias. Entrai na estrada para o Santo Sepulcro, arrancai essa terra à raça perversa e sujeitai-a a vós... Deus conferiu-vos sobre todas as nações grande glória nas armas. Empreendei então esta jornada pela remissão dos vossos pecados, com a certeza da glória imperecível do reino dos céus.»<sup>2</sup>

Gritos de «Deus vult, Deus vult» ergueram-se em concordância sobre os campos gelados de Clermont.<sup>3</sup> «Deus o quer, Deus o quer.» Não tardaria que isto se tornasse num purulento *slogan* de propaganda para o recrutamento de milhares de soldados rasos.

Apesar do ar lânguido, o discurso motivacional de Urbano parecia ter um efeito muito mais revigorante do que o registado em Placência. Por isso, continuou, com um floreado adicional de demagogia: «Eles derrubam e profanam os nossos altares... pegarão num cristão, abrir-lhe-ão o estômago e amarrar-lhe-ão o intestino a uma estaca; depois, estocando-o com uma lança, fá-lo-ão correr, até que arranque as próprias entranhas e caia morto no chão.»<sup>4</sup>

O papa usou então um isco que lhe garantia aumentar o número de participantes na sua causa.

*Todos os que morrerem pelo caminho, seja por terra ou por mar, ou em combate contra os pagãos, terão a imediata remissão dos pecados. Isto lhes concedo pelo poder de Deus, do qual estou investido. Oh, que desgraça se uma tão desprezada e ignóbil raça, que venera demónios, conquistasse um povo que tem a fé de Deus omnipotente e que o nome de Cristo torna gloriosa! Com que censuras nos esmagará o Senhor se não ajudardes aqueles que, como nós, professam a religião cristã! Que aqueles que injustamente se habituaram a travar guerras privadas contra os fiéis vão agora contra os infiéis e acabem com uma vitória esta guerra que há muito devia ter sido começada. Que aqueles que, durante muito tempo, foram ladrões se tornem agora cavaleiros. Que aqueles que têm lutado contra os seus irmãos e parentes lutem agora de forma correta contra os bárbaros. Que aqueles que têm servido como mercenários por um pequeno salário obtenham agora a recompensa eterna. Que aqueles que se têm desgastado de corpo e alma trabalhem agora por uma honra dupla. Vede! Deste lado estarão os tristes e os pobres, daquele, os ricos; deste lado, os inimigos do Senhor, daquele, os seus amigos. Que aqueles que vão não adiem a jornada, mas que arrendem as suas terras e recolham dinheiro para as suas despesas; e assim que o inverno acabar e a primavera chegar, que se ponham ardentemente a caminho com Deus como seu guia.»<sup>5</sup>*

Curiosamente, apesar de toda a conversa do papa abordando a libertação das Terras Santas, incluindo as suas cartas seguintes, quase não foi feita qualquer menção a dois dos seus mais importantes locais sagrados. O cronista Fulquério de Chartres, que assistiu ao discurso

em Clermont, não faz qualquer menção ao facto de Urbano ter discutido a libertação de Jerusalém ou do seu templo mais sagrado, a Igreja do Santo Sepulcro – o local da sepultura de Cristo –, só de ter pedido para «ajudar rapidamente esses cristãos e destruir essa raça vil [os turcos] das terras dos nossos amigos».<sup>6</sup>

Mas de quanta ajuda ao certo precisavam esses cristãos? Após a conquista da Palestina pelos árabes no ano 637 d. C., apenas um quarto de Jerusalém, incluindo a Igreja do Santo Sepulcro, ficou nas mãos dos cristãos. Naturalmente, isto aumentou o número de peregrinos cristãos que acorriam a este e a outros locais associados à vida do avatar Jeshua Ben Joseph, também conhecido como Jesus. Contudo, não só o acesso aos locais sagrados era permitido, e foi mantido sob o domínio árabe, como o culto cristão também era tolerado; até Maomé instruía os seus seguidores no sentido de se voltarem para o local do Templo de Salomão durante as orações,<sup>7</sup> pois era igualmente respeitado pelos muçulmanos como lugar de grande sacralidade. Esta tolerância prevaleceu até ao século X, sob os califas do Egito, que prometiam solenemente protecção aos viajantes. Na verdade, a vida sob o domínio dos infieis não era tão dura como o esperado; até a carga tributária era mais leve do que sob o anterior domínio cristão.

Mas, em 1065, este retrato otimista mudou quando os desordeiros vizinhos turcos dos árabes, liderados pelo bárbaro Emir Ortok, conquistaram e saquearam a cidade de Deus, após o que três mil cidadãos foram massacrados. Ortok reprimiu violentamente quaisquer cristãos remanescentes e depois, por diversão, prendia ou matava os peregrinos visitantes, a não ser que cada um lhe entregasse uma peça de ouro como preço de admissão na Igreja do Santo Sepulcro.

Isto presumindo que algum peregrino chegava vivo à cidade. Devido à desestabilização política, bandos de bandidos sem lei deambulavam pelas planícies da Palestina em busca de turistas desafortunados, enquanto cavaleiros beduínos conduziam ataques avulsos a peregrinos vindos de além do rio Jordão. Não admira que tal comportamento tenha gerado uma forte solidariedade e fervor em muitos dos bispos e barões europeus, instigados pelo discurso inflamado de Urbano II para que reunissem vastos exércitos numa cruzada para arrancar os locais anteriormente cristãos aos turcos seljúcidas e assegurar uma passagem segura aos peregrinos.

No entanto, apesar da retórica do papa, pode ter havido entre os presentes quem percebesse uma segunda intenção. Cinco meses antes, um dos poucos pontos altos no Concílio de Placência – pelo menos para Urbano II – fora a receção pelo papa de emissários enviados de Constantinopla pelo imperador Comneno. O imperador bizantino debatia-se com um grande problema: há vários anos que os turcos consumiam o seu império, tendo já engolido a maior parte da Anatólia, da Síria e da Palestina. O concílio revelou-se um momento oportuno para Comneno:



*O Concílio de Clermont.*

Urbano estava perto, em termos geográficos, e sete anos antes, este promissor novo papa revertera a excomunhão de Comneno da Igreja. Por isso, os presságios pareciam propícios a outro pequeno favor de um dos poucos amigos de Comneno, particularmente se este incluísse enviar um exército de novos cavaleiros por Constantinopla.

Comneno era um manipulador astuto. Os seus embaixadores não só exageraram a necessidade de um exército, como, não fosse o papa vacilar, também deviam lembrá-lo de que Jerusalém estava sob o restrito controlo dos seljúcidas, com os direitos de visita dos peregrinos em jogo. Em todo o caso, o desempenho de Urbano em Clermont teve um êxito para lá dos sonhos mais loucos de ambos os homens, e, no espaço de meses, dezenas de milhares voluntariaram-se para livrar o Próximo Oriente dos turcos e reconquistar os locais sagrados.



Quem não precisou de grandes desculpas para embarcar nesta cruzada foi um fervoroso monge de baixa estatura vindo de Amiens chamado Pedro, *o Eremita*. Pedro fora soldado, casado e era pai de cinco

filhos, bem como um nobre e vassalo do conde Eustácio de Bolonha.<sup>8</sup> No entanto, renunciou a tudo para se tornar um monge enclausurado, exceto para uma peregrinação a Jerusalém. Ficou horrorizado com o tratamento que ali era dado aos peregrinos, tanto que lhe foi concedida uma audiência com Simeão, o patriarca da cidade, durante a qual Pedro prometeu solicitar o apoio de nobres de toda a Europa, até do papa, em seu nome: «Não hesito em assumir uma tarefa pela salvação da minha alma; e, com a ajuda do Senhor, estou pronto a ir e a procurá-los a todos, rogar-lhes, mostrar-lhes a imensidade das vossas dificuldades, e pedir-lhes a todos que apressem o dia da vossa libertação.»<sup>9</sup>



Pedro, o Eremita.

Simeão dificilmente poderia recusar tal oferta, sobretudo devido às referências de caráter de Pedro. O seu contemporâneo Guiberto de Nogent disse sobre ele:

*O seu exterior não deixava senão uma impressão muito pobre; mas poderes superiores agitavam este corpo miserável; tinha um intelecto rápido e um olhar penetrante, e falava com facilidade e fluência. Vimo-lo daquela vez rebuscar cidades e vilas, e pregando em toda a parte; as pessoas reuniam-se à sua volta, cobriam-no de presentes e celebravam a sua santidade com tão grandes louvores que não me lembro de uma honra assim alguma vez ter sido prestada a qualquer outra pessoa. Exibiu grande generosidade na disposição de todas as coisas que lhe eram dadas. Devolveu esposas aos maridos, não sem o acréscimo de presentes seus, e restabeleceu, com maravilhosa autoridade, a paz e o bom entendimento entre os que estavam em discórdia. Em tudo o que fez ou disse parecia ter em si algo divino.*<sup>10</sup>

Tão generoso foi Pedro, *o Eremita*, para os pobres e tão honrado pela sua grande devoção que até os pelos da sua mula eram arrancados como relíquias sagradas.

Encorajado pelo entusiasmo de Pedro, Simeão aceitou a oferta do peregrino e entregou-lhe algumas cartas antes da sua partida.

Pedro, com túnica de lã e manto de sarja, de braços nus e pés descalços, conseguiu encontrar-se com Urbano II em Roma e entregou-lhe as cartas de Simeão discutindo a terrível situação na Terra Santa. Isto foi apenas o início do seu esforço de recrutamento ao longo do árduo caminho de volta às terras francesas. Anos de pregação errante, enquanto vivia apenas com um pouco de pão, vinho e algum peixe, finalmente compensaram, e, nesta fria tarde de novembro em Clermont, Pedro erguia-se numa robusta plataforma de madeira ao lado de Urbano II.

O frágil eremita falou primeiro, o seu esqueleto e pele precariamente sustentados pelo seu zelo, mas, ainda assim, falou ao espaço aberto, coberto por um interminável exército desorganizado de seguidores, que ele persuadira a marchar sobre a Terra Santa. Guiberto de Nogent comentaria que Pedro se parecia muito com o seu burro e cheirava consideravelmente pior. Pedro partilhou com a multidão as torturas, tribulações, misérias e humilhações sofridas pelos peregrinos cristãos, ele incluído, às mãos dos turcos.



*Papa Urbano II.*

«Deus o quer, Deus o quer.»

Restava pouco para Urbano II alimentar o fervor da multidão, além de um discurso obviamente demasiado patriótico coroado por uma singular proposição de venda: «Tomai, então, a estrada para Jerusalém para remissão dos vossos pecados, e parti com a certeza da glória imperecível que vos aguarda no reino dos céus.»

«Deus o quer, Deus o quer.»

Ébrios de esperança e religião, é dúbio que poucos tenham ficado para trás, sob chuvisco gélido, para ouvir a data coordenada de partida para toda a cruzada, que devia ser liderada por cavaleiros e começar

em agosto seguinte, na Festa da Assunção. Ou sequer para assimilar a última parte do discurso de Urbano, pedindo contenção: «Não ordenamos nem aconselhamos que a viagem seja empreendida pelos velhos ou pelos fracos, ou pelos que não estão aptos para as armas, e não deixeis as mulheres partir sem os maridos ou os irmãos... e nenhum leigo deverá começar a marcha exceto com a bênção do seu pastor.»<sup>11</sup>

Mas em tempos caracterizados por uma economia baseada no saque, a promessa de uma remissão dos pecados e da glória do reino dos céus foi suficiente para incitar três exércitos, combinando uns cento e vinte mil camponeses mal equipados. Mal a neve do inverno foi substituída pela primavera, em março de 1096, a Europa Central tornou-se num longo, mal preparado e desorganizado enxame de homens, mulheres, crianças, agricultores, até enfermos, marchando em três, por vezes cinco «exércitos» de pessoal não militar. Pedro, *o Eremita*, chefiava um. Um segundo era liderado por outra personagem excêntrica, um antigo senhor da Île-de-France que, tal como Pedro, buscava uma verdadeira experiência mística de Deus, e assim renunciou aos seus bens terrenos para marchar para Jerusalém. Ficaria conhecido como *Gualtério Sem-Haveres*.

Esta foi a Cruzada do Povo.

Ao longo da extenuante estrada para leste rumo a Constantinopla, muitos perguntavam desesperadamente ao chegar a cada nova aldeia: «Isto é Jerusalém?»